

A MEMÓRIA NA POESIA DE MARIA DE LOURDES XAVIER

Joicy Suely Galvão da Costa
Departamento de Ciências Sociais – UFRN

Gleydson Rodrigues da Silva
Departamento de Ciências Sociais – UFRN

Resumo

Este trabalho é fruto de reflexões iniciais realizadas no âmbito da pesquisa “Memórias do Brasil: Itinerários e Singularidades da Formação Social, Educativa e Cultural de autores brasileiros”, desenvolvida na Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação, do Departamento de Ciências Sociais da UFRN. Aqui, pretendemos avaliar o processo de construção de autobiografias, ou memórias, a partir da poesia. Nesse contexto, encontramos nas poesias de Maria de Lourdes Xavier uma historiografia de si e das relações sociais vivenciadas no passado: uma escritura de seus amores, perdas e saudades. Para efeito de metodologia, utilizamos o procedimento da Cartografia Simbólica, conforme assinalado por Boaventura de Sousa Santos, para analisar o conteúdo autobiográfico dos versos. No estudo, apresentamos a idéia da poesia enquanto rito de recordação, como uma arte a serviço do passado e da perpetuação do indivíduo-escriturário-de-si para além de seu contexto histórico e sociocultural.

Palavras-chave: memória, poesia, historiografia de si, resgate.

1 DE SI PARA SI MESMO E PARA OS OUTROS: A MEMÓRIA E A REFLEXÃO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

É na sociedade que as pessoas normalmente adquirem suas memórias. É também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam suas memórias (Halbwachs *apud* PERALTA, 2007:6).

O campo de estudo da memória, campo este relativamente recente, deu seus primeiros contornos de investigação científica no nosso presente século, totalmente desvinculado de uma base analítica ancorada nas ciências sociais. A memória foi,

inicialmente, objeto de investigação filosófica, na figura de Bergson, e da psicologia-psicanálise com Freud.

Todavia, é com Halbwachs¹ que este conceito é introduzido no léxico das ciências sociais, dando um novo olhar para os estudos de memória. Conforme Elsa Peralta (2007), Halbwachs traz uma reflexão interessante na medida em que mostra que “a função primordial da memória, enquanto imagem partilhada do passado, é a de promover um **laço de filiação entre os membros de um grupo** [...] conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que **crystaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem**” (PERALTA, 2007:5-6, grifo nosso).

É exatamente através de um olhar sociológico a respeito das recordações que podemos ressignificar a atividade de escrita de si. Por meio de um memorial podemos claramente identificar posturas, políticas e visões de mundo de uma época. Nos escritos encontram-se reproduzidos padrões sociais e até mesmo protestos a um tipo de cultura, a um tipo de vida escrava e alienante. Nesse contexto, a escrita de si envolve não só uma interpretação da própria vida como também a de outros: torna a memória um exercício para além do indivíduo, um individual construído incessantemente a partir do coletivo.

Queremos deixar claro que é nessa perspectiva sociológica da memória que nosso trabalho surge. Tendo suas reflexões iniciais realizadas no âmbito da pesquisa “Memórias do Brasil: Itinerários e Singularidades da Formação Social, Educativa e Cultural de autores brasileiros”, e desenvolvida no Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação, do Departamento de Ciências Sociais da UFRN.

Aqui, pretendemos avaliar o processo de construção de autobiografias, ou memórias, a partir da poesia. Nesse ínterim, encontramos nas poesias de Maria de Lourdes Xavier uma historiografia de si e das relações sociais vivenciadas no passado: uma escritura de seus amores, perdas e saudades.

Portanto, os “exercícios de escrituras da alma” da poetisa permitirão aos jovens “conhecer uma Natal pretérita, aos mais velhos visitar imaginários comuns e, independentemente da idade, permitirá a qualquer leitor compreender o que há de comum e de singular em nossas vivências humanas” (ALMEIDA E FARIAS, 2008:12).

2 UMA POESIA DE VIDA: AS MEMÓRIAS DE MARIA DE LOURDES XAVIER

Nesse tópico, pretendemos expor uma diminuta biografia da autora. Compilamos informações de seus escritos autobiográficos, recentemente reunidos no livro intitulado “Narrativas de um tempo, escrituras da alma”.

¹ Halbwachs desenvolveu o conceito de memória coletiva em 1925 e o aplicou em seus estudos, afirmando que o passado é (re) lembrado nos mais diversos grupos sociais. Argumentou em seus escritos que o germen das recordações pessoais deve levar em consideração a influência que sobre estas exercem as instituições sociais.

O trabalho de narrativa de si é sempre *sui generis*, pois revela a personalidade característica de cada sujeito. Não é a toa que, Maria de Lourdes define as motivações de sua escrita de si ao dizer: “no sofrimento as idéias brotavam e eu ia escrevendo. Ao invés de pagar um terapeuta eu escrevia. Esse exercício foi a minha terapia durante anos” (ALMEIDA E FARIAS, 2008:12).

A poetisa nasceu em 18 de março de 1928, na capital do Rio Grande do Norte, numa família pobre e humilde. Apesar das dificuldades, seus pais, José Xavier de Almeida e Neusa de Araújo Xavier, sempre investiram na educação e no futuro dela e de seus irmãos.

Maria de Lourdes levou uma infância simples e feliz e desde criança teve facilidade em escrever. Estudou no colégio Imaculada Conceição até completar o curso primário. Lá, ganhou a oportunidade de ser aluna de Edgar Barbosa e Severino Bezerra. Estudou também no colégio Atheneu, onde conheceu muitas pessoas que mais tarde fariam parte da elite intelectual e profissional da sociedade natalense.

Durante a juventude, conquistou alguns admiradores e fantasias amorosas. Nada muito concreto, pois sempre foi muito recatada. Ainda nessa época, o seu grupo de convivência era recheado de pessoas importantes como Portinari, Januário Cicco e Luís da Câmara Cascudo, com quem teve uma grande amizade.

Cursou Farmácia na Universidade de Recife com a intenção de ajudar seu pai na educação de seus irmãos mais novos. Após ter terminado o curso, foi premiada por ter sido a melhor aluna e convidada para lecionar na mesma Universidade, onde ela se tornou a segunda professora mulher.

Foi nessa temporada, em Recife, que ela conheceu Hélio Dantas (que na época era Deputado Estadual) com quem veio a se casar. Seu casamento foi bastante conturbado e durou vinte anos. Deste casamento nasceram duas filhas: Evelyn e Nara.

Maria de Lourdes lecionou também no curso de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E exerceu várias funções administrativas, como vice-diretora da mesma faculdade, Presidente do Conselho Estadual da Mulher do Rio Grande do Norte, Diretora do Departamento de Serviço Social do Estado do Rio Grande do Norte, Coordenadora do curso de Farmácia, Presidente do Conselho de Farmácia, entre outros.

Diante dessa trajetória, constatamos ser a memória de Maria de Lourdes a memória de uma Penélope natalense. Uma mulher que se desvencilhou das dificuldades de seu tempo, conquistando espaços em uma época excessivamente masculina.

3 POESIA: RITO DE RECORDAÇÃO

A autobiografia da autora foi uma terapia para os sofrimentos da vida, conforme citado anteriormente. Entretanto, a escritura não foi motivada unicamente pelas “prosas” do cotidiano. Há também lugar para a serena poesia.

Isto posto, afirmamos que os escritos de memória de Maria de Lourdes Xavier possuem poesias que retratam com sensibilidade e talento a infância, dores, saudades e declarações de amor e reconhecimento a membros de sua família. A poesia marca sua trajetória como mensagens que não poderiam ser ditas no ardor dos acontecimentos, apenas registradas pela inspiração de um íntimo resguardado e sofrido. Como um grito de amor, de mágoa e saudade que se expressa francamente, mesmo que o volume mais forte da voz seja o silêncio do papel e da pena.

Portanto, a linguagem, seja ela em forma de prosa ou poesia, seja ela cantada, escrita, ou falada, contem uma forte carga de recordação. Recordamos a todo instante e isso eleva a vida e, como já disse Halbwichs, nos enlaça nos grupos sociais dos quais fazemos parte, nos enlaça em nossas raízes e origens. É nesse sentido que tomamos para este trabalho a idéia de recordação enquanto operação de resgate (Ricouer *apud* Catroga, 2001:31) e a associamos à poesia memorialista da artista estudada.

Parafraseando uma expressão de Paul Ricouer, podemos dizer que a poesia é, não só selecionar e esquecer, mas também uma operação de resgate e recordação.

4 CARTOGRAFIA SIMBÓLICA, MEMÓRIA E POESIA

Para efeito de metodologia, utilizamos o procedimento da Cartografia Simbólica, conforme assinalado por Boaventura de Sousa Santos (2005), para analisar o conteúdo autobiográfico dos versos. Antes disso, definiremos o que vem a ser o trato metodológico adotado.

A sociologia cartográfica, ou cartografia simbólica, seria a construção de mapas, procedimento emprestado da geografia, para representar frações da realidade, ou, “espaços” sociais. Nesse método, a construção de mapas possui três mecanismos principais: a escala, a projeção e a simbolização.

Para efeitos de compreensão, abordaremos de maneira sucinta os mecanismos acima colocados. No que diz respeito à escala, podemos defini-la como a distância no mapa das representações e a correspondente distância no “terreno” social. Para tanto, faz pequenos ou grandes recortes da realidade, ou seja, utiliza ou não escalas pormenorizadas.

Já a projeção faz referência ao manuseio e armazenamento dos mapas. Todas as projeções sejam elas do tipo cônica, azimutal, conforme ou cilíndrica, distorcem a realidade na tentativa de realçar uma determinada característica do espaço. O mesmo se dá com qualquer recorte de pesquisa na área das ciências sociais. Não é à toa, este procedimento leva em conta a subjetividade do pesquisador no momento de analisar o objeto em estudo, no momento em que constrói quadros analítico-sintéticos das lembranças encontradas nas poesias.

E quanto à simbolização, Santos (2005) afirma que é a capacidade de utilizar símbolos gráficos para assinalar características da realidade espacial selecionados. Tal

mecanismo pode construir mapas com sinais icônicos ou quadros analítico-sintéticos (escritos). Em suma, são mapas construídos para leitura visual ou escrita.

A discussão proposta é realizar uma cartografia das poesias utilizando quadros analíticos que avaliem ou não o seu conteúdo memorialista. Os quadros contêm os seguintes itens: nome da poesia, trecho e apreciação. Este último possui a interpretação do pesquisador acerca do conteúdo analisado.

A seguir, realizaremos o procedimento a partir de trechos de duas poesias de Maria de Lourdes. Respectivamente, trechos das poesias XXXIV e XVIII.

Cartografia Simbólica	Cartografia Simbólica
Trecho de XXXIV	Trecho de XVIII
<p>Você querida irmã-filha Gerada por nossa mãe E a mim doada E partilhada por aquela que se foi</p> <p>Foi sem saber O quanto representavas para mim, O quanto nas diferenças somos iguais O quanto de doações existe no nosso Silêncio e nas nossas lembranças...</p>	<p>Sim, MEU pai! Por que és meu, Depois que morrestes.</p> <p>[...]</p> <p>Procurei a vida inteira, A fantasia de um pai, Que não consegui ver Eu te queria bonito, intelectual, rico até, E tu te escondias na simplicidade de ser!</p> <p>Eu te encontre hoje, meu pai, Na lembrança de imagens de infância, Me embalando e cantando canções de ninar</p>
Apreciação	Apreciação
<p>No trecho dessa poesia Maria de Lourdes faz referência à irmã Conceição, vinte anos mais nova. Na sua memória ela relata a dificuldade que seus pais, já idosos, tinham para administrar as diferenças. Mesmo com a imensa diferença de idade e distanciamento que isso promoveu no contato com sua irmã, a poetisa demonstra aqui todo o afeto que sente por esta.</p>	<p>No trecho dessa poesia a autora faz uma terna declaração ao seu pai. Reconhece que o pai simples realmente a amava mesmo não conseguindo demonstrar amor do modo como ela acreditava se demonstrar. Uma bela e saudosa homenagem. Reconhecimento, a partir da experiência, que a linguagem e os gestos de seu pai eram também expressões de amor.</p>

5 CONSIDERAÇÕES

Os relatos de Maria de Lourdes Xavier, e mais especificamente, suas poesias estão repletas de significados de memória. Revelam não só a própria interpretação de fatos ocorridos no passado como também abrem caminho para que possamos entender a época em que viveu, e como se davam as relações familiares de seu tempo.

Concluimos, através da cartografia, que sua atitude poética está permeada de ritos de recordação e laços que revelam raízes e origens sociais. Portanto, a poesia pode ser encarada como uma arte a serviço do passado e da perpetuação do indivíduo-escriturário-de-si para além de seu contexto histórico e sociocultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. & FARIAS, Carlos Aldemir. (Org.) **Narrativas de tempo, escrituras da alma**. Natal: Flecha do Tempo, 2008.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

PERALTA, Elsa. **Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica**. Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória. n. 2. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma Cartografia Simbólica das representações sociais: o caso do direito. In: **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 2005.